Contos Diversos

Anna Carvalho Diamante

Anna Carvalho Diamante

Contos Diversos

ACERTO DE CONTAS

Otávio olhou pela "milésima" vez da sacada. Havia chegado de Florianópolis pouco antes do jantar. O vôo fora terrível, cansativo, no entanto ele não podia ir simplesmente dormir. Ivone havia lhe dito que Marcos estava um trapo humano. Que só chegava em casa de madrugada, completamente embriagado e muitas das vezes carregado pelos amigos. Pelo visto, aquela seria mais uma dessas madrugadas. Já passava de meia noite, mas Otávio estava decidido a esperar por ele o tempo que se fizesse necessário. Algumas horas mais tarde, Otávio ouve o barulho do carro de Marcos, corre para a sacada, a tempo de vê-lo tropeçando em direção à porta. Otávio abre a porta e fica mortificado, com a imagem deplorável do filho. Marcos o olha com desdém e deboche:

- Olá doutor Otávio Lourenço! O que faz por aqui? Procurando alguma norinha para comer? Marcos cospe palavras mordazes, cheias de ódio.

- Para com isso Marcos! Deixe de ser criança! - grita Otávio. Eu vim para conversarmos, feito homens, como dois adultos!
- Não grite comigo! - grita também Marcos - Não admito mais que você grite comigo! Você não é mais meu pai! Pra mim você é um traidor qualquer! - Marcos estava descontrolado - Vai embora sai da minha frente ou eu... - Ou você o que? Hem, seu moleque?- agora Otávio também estava nervoso.
- Ou eu lhe ensino a respeitar um homem! E antes que Otávio o percebesse, Marcos desfere-lhe um soco na altura do queixo, depois outro e mais outro. De repente, Otávio o segura pelos ombros e o domina como se fosse uma criança. O sacode várias vezes, jogando-o em cima do sofá.
- Acalme-se Marcos! Não vamos resolver nada assim.
- Otávio controla o filho e o leva para o banheiro, em quanto o rapaz se debate extravasando a sua raiva, suas frustrações, ora xingando, ora chorando feito um menino mimado.

. Otávio o enfia com roupa e tudo embaixo do chuveiro, deixando a água cair fortemente sobre sua cabeça. Entre um acesso de tosse e outro, Marcos bota pra fora parte do que bebeu. Otávio percebe aliviado, que o filho recobrava a lucidez a cada segundo. Tira toda a roupa do rapaz e lhe estende uma toalha. Marcos pede para ficar mais um pouco no chuveiro. Otávio aproveita para ir até a cozinha ligar a cafeteira. Enquanto espera, examina no espelho o maxilar levemente inchado. Quando Otávio volta, encontra o filho já no quarto. Estava vestindo um hobby e olhava pela janela. Parecia bem melhor. - Tome esse café, vai ajudá-lo! Ordenou Otávio. Marcos pega a xícara que o pai oferece, sem olhá-lo e bebendo o primeiro gole perguntou:- Vai me ajudar em que? Esquecer que você é meu pai? - Otávio percebe o tamanho da amargura do filho, queria confortá-lo, dizer alguma coisa. Queria não ser o causador daquela dor. Pela primeira vez na vida, ele não sabia o que fazer. Bebericou um pouco do próprio café ,enquanto caminhava de um lado para outro.

. Suspira fundo e diz a única coisa que lhe vem à cabeça: - Eu não sei o que dizer filho... - Não sabe pai? Então diz o que eu mais quero ouvir pai. Diz o que eu mais preciso ouvir neste momento! À medida que o rapaz ia falando, ficava cada vez mais descontrolado - Diga que tudo é mentira, invenção, sei lá! Diga que Melissa não viu vocês dois na piscina! Diga pai! Eu ainda posso acreditar no senhor! Otávio passa os dedos pelos cabelos, num gesto que demonstra todo o seu desespero. Queria poder negar tudo aquilo. Queria poder dizer que nunca esteve com Helena. Mas como fazer isso? Ainda lembra-se do cheiro dela, do calor de seu corpo junto ao dele, de seus lábios macios, do seu beijo quente e da paixão que os envolveu a luz da lua. E o pior: Queria aquilo tudo de novo, mais que a própria vida. Ele suspira fundo e diz: - Sinto muito! - Sente muito? - Marcos estava indignado - Sente muito por quê? Se fui eu o ridicularizado. Se fui eu o ultrajado, o traído, o "corneado". Do que você sente papai? Sente por ter sido descoberto? Pela diversão ter chegado ao fim?

- Não é nada disso Marcos! Ninguém teve a intenção de ridicularizar você. O que aconteceu entre Helena e eu, foi algo involuntário e muito mais forte que nós. Não foi nenhuma diversão inconseqüente. Eu sinto muito sim. Sinto por toda essa confusão. Sinto por termos nos encontrado tão tarde. Sinto por ela ter assumido esse compromisso sem amor por você e principalmente, sinto muito tê-lo magoado dessa forma. Eu sei que é muito difícil, mas tente entender que quando me apaixonei por Helena eu não sabia quem era ela, não sabia sequer o seu nome e muito menos que ela era sua noiva. -Tentar entender pai? O senhor tem noção do que está me pedindo? Quer que eu compreenda, que na noite em que fico noivo, o meu pai presenteia a minha noiva, com uma noite de amor, na beira da piscina? Devo agradecê-lo também? Ironizou ele sarcástico.

- Você está adorando esse papelzinho de vitima não é Marcos. Está certo! Eu reconheço que essa situação é por demais constrangedora, mas só fica pior que você frisa"esse pai e filho".

. Tudo bem, que somos pai e filho, mais não neste momento. Neste exato momento somos dois homens, adultos suponho, disputando o amor da mesma mulher. Otávio respira fundo, tentando se acalmar e fala com a voz mais baixa. - Sou seu pai sim e muito me orgulho disso, mais não tente usar isso para me minar, para me destruir por dentro, para me enfraquecer. - Não tenho intenção nenhuma de enfraquecê-lo pai! Se é que ainda posso tratá-lo alinda, mas não é a única mulher bonita que eu namorei. Não é muito difícil encontrar outras iguais a ela e para falar a verdade, ela não é a primeira que me deixa ou que dorme com outro, estando comigo. A única coisa terrível mesmo neste episódio foi o meu pai ter traído a minha confiança desta forma. Se algum dia, eu conseguir discutir esse assunto com você, independente de sermos pai e filho, não existirá problema algum a ser discutido. só. Friso isso, porque isso é o que mais me dói. A questão é que você é meu pai e só quando bebo consigo esquecer isto.

Otávio suspira aliviado. Saber que não iria precisar disputar o amor de Helena com o próprio filho o tranquilizava e muito, e ele não esconde isto.

-Filho, saber que você não a ama, como eu descobri que a amo, já me deixa muito feliz! Agora, quanto a nós, eu não tenho dúvidas, de que vamos encontrar o caminho de volta, resgatar a confiança abalada e acima de tudo, o carinho e o respeito que sempre tivemos um pelo outro. Seu pai não é nenhum herói, por vezes balanço, vacilo! Não sou santo, incapaz de pecar! Sou só um homem! Um ser humano com dúvidas, com fraquezas, com defeitos e com uma necessidade enorme de amar. Portanto filho, se você não a ama e principalmente se você ama seu pai, não me peça para desistir dela. Otávio falava com o coração aberto a voz embargada, diante do filho ele não esconde a sua fragilidade, a sua emoção. - Não me penalize! Não destrua este sentimento, por simples caprichos. Eu a amo! Verdadeiramente!e ! As ultimas palavras de Otávio foi seguida de um silêncio fúnebre, onde pai e filho recompunham suas emoções,

depois disto Otávio sai deixando Marcos a sois com seus pensamentos. Marcos que ouvira tudo em silencio, agora meditava sobre o assunto. Afastou-se da janela, foi até a escrivaninha e apanhou um cigarro. Desde o dia que ouviu Melissa contar a Olavo, que viu seu pai e Helena na piscina, Marcos não dormia. Ele não se cansava de tentar adivinhar o porquê, de o pai ter feito aquilo. Pelo que conhecia do pai, ele não era do tipo mulherengo, paquerador. Depois que se separou de sua mãe, sempre teve mulheres lindas, mas todas livres. Até aquele dia, sempre soube respeitar, todas as suas namoradas e amigas. Tanto que Marcos, nem deu muita atenção, as constantes trocas de olhares, que percebera entre seu pai e Helena naquela noite fatídica.. Quanto a Helena, não era diferente. Nunca veio, a saber, de nada que pudesse desabonar sua moral. Era alegre, divertida, mas nunca dava trela a homem algum. Respondia com indiferença a todas as investidas. Foi mesmo muito difícil acreditar que ela havia "ficado" com seu pai na piscina, em pleno jardim.

"Será que eles se amam mesmo? E neste caso, o que eu teria a ver com isto?" Questiona-se Marcos. É bem Verdade, que nunca amara alguém, mas lembrava de uma vez que teve bem perto disso. Mariza.. Ah! Ele até conseguia sorrir lembrando o nome dela! Era uma moça lindíssima! Loira, tinha enormes olhos azuis, descendente de franceses. Uma princesa! Eles descobriram o amor juntos, ainda na adolescência, mais um belo dia, ela foi morar na França com os avôs. Eles ainda se corresponderam por algum tempo, mais depois foram descobrindo outras amizades, as cartas ficando cada vez mais escassas até perderem totalmente a importância. Mariza hoje é uma pianista famosa. Marcos sabia que ela estava casada e tinha um filho. Com os pensamentos ainda confusos, caminha até o barzinho, no interior de seu quarto, mais desiste do whisky. Bebe um pouco d'água e vai dormir...

Anna Carvalho Diamante

O ÚLTIMO ORGASMO

Isadora girou a chave e empurrou a porta com o pé. Arriou a pequena mala de couro envelhecido no chão e ficou contemplando o seu passado. A humilde casa, um sobradinho coberto por telhas francesas, no pé de um morro outrora verdinho, de vizinhança tranqüila e solidária. Conhecia todos pelo nome (quase todos), a maioria ex-alunos de sua mãe, que dava aulas de reforço na varandinha da casa. Ela inspira e expira, engolindo em seco a saudade. Isadora precisa de coragem. Olha em volta experimentando um vazio, uma solidão. A dor é quase física. Ela entra, caminha pela sala e abre a janela pesada de madeira que dá para os fundos da casa. O mato um pouco alto, algumas plantas sobreviventes e o pé de amoras intacto como em suas lembranças. Quase nada havia mudado. Bem-te-vis cantam nos galhos lhe dando boas vindas. Ela sorri quase feliz com aquele cenário tão familiar. O pensamento voou aos amigos, a infância. De muitos deles ela lembrava bem. Mariza, Carolina, Igor... Seus pensamentos demoraram um pouco mais em Igor.

. Um calor ruborizou seu rosto. Igor foi um dos alunos de dona Gardênia, mãe de Isadora. Era um menino levado, indisciplinado, “peralta”, a professora costumava dizer. Mas para Isadora ele sempre tinha um sorriso, um olhar mais doce. Ela lembra aquela festa junina na escola. Eles formaram par na quadrilha de São João. Neste dia trocaram beijos furtivos, às escondidas, acalentando promessas de um namoro futuro. Isadora sentiu um nó na garganta. Sentou-se em um sofá empoeirado num canto da sala, ainda digerindo mágoas, saudades, frustrações. Aquilo tudo subia e descia como um bolo alimentar que não conseguia achar a entrada do estômago. É bem verdade que não fazia tanto tempo assim que visualizara todo aquele cenário. Oito meses atrás, com o falecimento de Dona Gardênia, visitara seus fantasmas pela última vez.Mas a saudade era bem mais antiga. Isadora foi uma daquelas adolescentes do subúrbio que sonhava morar próximo ao mar.

. Por isso quando terminou o curso de enfermagem mudou-se para uma vaga em Copacabana, com a desculpa de ficar mais próxima do trabalho e do curso de instrumentadora que iniciara. As visitas semanais que fazia a mãe, logo passaram a ser quinzenais... Mensais... E por fim quando o trabalho e os estudos permitiam. Estas visitas eram curtas, não duravam mais que um dia. Ainda assim Isadora queria saber de todos, inclusive de Igor, do qual nunca tinha boas notícias: Ora furtos, ora drogas. Isadora lembra que a última notícia que teve era que estava preso. Naquele dia com muito pesar ela o cortou de suas expectativas definitivamente. Ele não era o homem certo para ela. Isadora caminha por toda a casa, para no quarto que fora da sua mãe e olha o álbum de fotos sobre a cômoda. Quase nada havia mudado. Só a sua mãe não estava mais ali. Uma dor muito grande acompanhou esta constatação. Uma mistura de saudade, remorso, culpa. Dona Gardênia falecera de câncer, mas Isadora sabia que a tristeza e a solidão em que vivia, contribuíram e em muito com a sua doença.

Dois meses antes de seu falecimento, Isadora havia resolvido voltar a morar no subúrbio para cuidar de sua mãe e só aguardava o término de mais um, das dezenas de cursos de especialização "o que mais fazia na vida", mas a vida de dona Gardênia não pode esperar tanto. Um mês antes de seu previsto retorno a senhora veio a falecer triste e sozinha, segurando um terço entre as mãos.Isadora olha com atenção o quadro de sua mãe na parede. Uma mulher altiva, cabelos negros muito lisos, uma pele morena avermelhada, olhos expressivos. Isadora conclui que deveria ter herdado muito de seu pai desconhecido. Em quase nada lembrava a mãe, com seus cabelos de um loiro acobreados e seus olhos verdes água, que lhe rendera na infância o apelido de "galega". Não era tão alta e nem tão esguia quanto à mãe. Era baixinha e até um pouco gordinha, mas com uma graça, uma delicadeza bem feminina. Vivia em eternos conflitos com as massas, com os chocolates e a favor das balanças.

Durante a adolescência as diferenças físicas entre ela e a mãe lhe causaram crises de identidade. Por muito tempo pensou ser adotiva, mas com o passar dos anos as dúvidas perderam a importância. Com o falecimento da mãe, Isadora desistiu de voltar para a antiga casa. Resolvera aceitar o convite de Afonso, seu namorado, para dividirem um apartamento. E há oito meses a sua vida transformou-se em um verdadeiro inferno." Hoje pela manhã, depois de mais uma briga com Afonso, Isadora pega a sua mala e resolve enfrentar seus antigos fantasmas, colocando-se" frente a frente" com as suas culpas, suas paixões e suas remotas saudades, disposta a "zerar"os débitos de toda uma existência e emergir pura, refeita de todo um passado. Agora se sentindo segura, ela resolve explorar o quintal. Vai até a cozinha, abre a porta dos fundos que dá para um antigo galinheiro. Mais à frente, uma frondosa mangueira deposita sua sombra sobre um velho tanque. Em seus galhos uma corda já esgarçada pelo tempo lhe traz a imagem de um balanço; resquícios da infância.

Isadora caminha até o portão pelo qual havia entrado e percebe que algo novo compõe o cenário.Uma papoula vermelha florescia solitária entre os arbustos. Ela se aproxima com a intenção de tocar-lhe as pétalas, mas de repente um arrepio, um calafrio lhe percorre o corpo. Isadora podia jurar ter ouvido sua mãe dizer:-" Isa vá fechar a janela, por causa dos mosquitos." Instintivamente ela atende, mal passa o trinco e já ouve vários estampidos muito próximos. Assustada ela corre para fechar a porta da sala e lembra que também está aberta a da cozinha. Ela volta até lá e tenta fechar rapidamente, porém tarde demais! Um homem ensangüentado com uma arma na mão lhe grita:- "Abre esta porra"! Assustada, trêmula e em lágrimas dá dois passos para trás obedecendo. O homem ferido e armado entra, mandando trancar a porta e toma-lhe a chave. -Vamos até a outra porta! Ande! Cadê a outra chave? Ele grita aterrorizando-a. Já na sala ordena que apague todas as luzes deixando apenas a claridade do aparelho de TV.

Poe uma cadeira próxima ao sofá no qual pretendia sentar-se e coloca Isadora a sua frente. E assim ficaram. Isadora sentia-se como se estivesse de castigo. Ele sangra muito. Tira a camisa e tenta conter o sangramento. Suava frio. Tremia de bater os dentes. Estava visivelmente mal, mas não largava a arma mantendo-a sempre em direção a Isadora. Ela se esforça para não olhar aqueles assustados olhos castanhos, seguindo as suas ordens, no entanto não consegue desviar seus olhos completamente dos dele, Igor irrita-se e afasta com as mãos ensangüentadas seus cachos de mechas douradas que lhe cobre o rosto, tingindo de sangue a própria face.- O que foi "merda", vai ficar me olhando? Seus gritos eram para disfarçar o próprio medo.- É porque você está sangrando muito, precisa remover a bala, ao contrário pode morrer com a hemorragia. Ele a olha muito assustado. . Sofria com a dor, com o medo de morrer, mas o seu pânico maior era o de ser reconhecido por ela.

Isadora estava ainda mais linda do que conseguira lembrar, mas aquela situação ilustrava o tamanho exato do abismo que os separava
.- Vá à cozinha e pegue uma faca! Esbravejou. -O que você pretende? Perguntou ela. - Vou arrancar esta porra de mim! - Com uma faca? Tenho um instrumento certo para isto! Você não vai conseguir sozinho! -Faça o que estou mandando! Ninguém vai botar a mão em mim! Isadora vai até a sua mala ainda não desfeita a procura de equipamentos de enfermagem. Ela o olha preocupada. Ele estava decidido! Teria que encontrar uma forma de imobilizá-lo, antes que se matasse. De repente uma idéia muito louca chega a sua cabeça, lembrou do bastão de beisebol que passou a sua infância inteira atrás da porta da sala, como único meio de segurança de mãe e filha. Ela não pestaneja. Em quanto ele se inclina para olhar a mala de primeiro socorros, rapidamente ela lhe desfere um golpe, que embora leve, é o suficiente para nocauteá-lo.. Nervosa ela o amarra no sofá, retira os projeteis da arma e joga na caixa de descarga do banheiro.

. Depois com toda experiência de anos de enfermagem, inicia com dedicação os procedimentos de seu trabalho. Começa pela higienização. Os recursos eram parcos e as condições do ambiente ruins, mas ela se desvela. Havia ali, o compromisso, o amor pela profissão, a seriedade com que sempre trabalhara, mas, além disto, percebia algo diferente, realmente novo aos seus sentimentos. Isadora não sabia o porquê mas entendia o seu opressor como alguém seu , de seu meio, de seus laços. Ela suspira e lhe aplica uma anestesia local. Não queria que acordasse, não queria que sofresse.. Após a assepsia, a anestesia ela isola a região com toalhas limpas. Com uma pinça remove a bala alojada em sua costela, dois pontos de sutura, um curativo e os primeiros gemidos. Ela lhe sorri como se sorrisse a um ente querido, quase esquecida da condição de refém que ocupava naquele momento:

-Não se mexa. Você precisa de repouso. Diz ela com meiguice. Pega um pouco d'água, com a clara intenção de lhe dar um analgésico, mas para diante do rosto escurecido ainda tingido pelo sangue.

. Com uma toalha úmida Isadora vai limpando o rosto dele, movimentos leves, delicados, quase uma caricia. A pele vai ficando alva e uma emoção estranha e indescritível invade o seu ser. Igor agora mais desperto agoniza, não de dor, mas de medo do inevitável "Ela irá me reconhecer." Pensa ele em pânico. À medida que o rosto dele se revelava, entre a toalha molhada, suas mãos tremiam diante da constatação dos fatos:" Era ele!" Sim , era Igor e agora todas as dúvidas e receios vieram a tona. Em frações de segundos acomodou-se um século, uma existência de saudade, de decepções, de frustrações, de desejos, de vontades... Sonhos que nasceram ainda na infância, misturaram- se com uma realidade dolorosa, que os fizeram se afastar, porém ao olhar aqueles olhos grandes, amendoados, aflitos, quebrantados, todo sofrimento parecia suprimido, superado. A infância de ambos voltara com a mesma magia. Com a mesma poesia. Com a mesma intensidade dos belos anos atrás. . O momento presente, parecia desprendido da historia, solto no espaço,

. Nem um nem outro estava preocupado em chegar a algum lugar. Com os olhos enternecidos, Igor voltara a ser de novo o mesmo menino peralta pelo qual Isadora se apaixonara. - Então é você... Ela murmura quase pra si mesma. -Me perdoe! Pede ele entre as lágrimas. Era visível o seu constrangimento, pois pela historia que viveram, pela memória que se restaurava intacta, perfeita, se não fosse os fatos, a triste realidade, bem seria possível continuar dali. Isadora curva- se sobre o seu amado e com uma ternura infinita vai colhendo cada lágrima, sorvendo com a boca, com os lábios, com gula. Ela reconhecia o cheiro da pele, o gosto dos lábios. Reconhecia ser ali o seu aconchego, seu mundo cabia inteiro naqueles braços.Ela desfaz os nós que o prendiam ao sofá. Não havia mais o medo, a insegurança, apenas a vontade de resgatar a paixão, de ressarcir a felicidade furtada pela vida. Neste momento uma voz forte corta o silencio. Do lado de fora, a polícia local cerca a casa, dando voz de prisão a Igor

.- Igor, é a policia!Você está preso! Saia com as mãos para cima!

Igor olha com desespero a sua amada. Sempre esteve pronto para o desfecho que a vida lhe reservasse, sabia que no caminho que escolhera a prisão era certa e a morte quase sorte, sorte que por muitas vezes ansiara. Mas agora, quando o amor lhe sorri nos olhos verdes de Isadora, daria tudo, tudo que pudesse ter de mais sagrado, por mais um pouco, do calor, do ardor daqueles lábios. Havia tanta urgência, tanto querer. Por que a morte não chegou mais cedo? Por que aquela bala, não lhe ceifou a vida? Que capricho cruel do destino, trazer Isadora para assistir com ele seus minutos derradeiros e não deixá-lo tocar o céu tão próximo de seus dedos. Numa tentativa de protegê-la ele a abraça colocando a arma em sua cabeça. Não pretendia matá-la e ela sabia disso. Só não queria que a arrolassem como cúmplice, que prejudicassem a sua vida. Isadora chora por ele, por ela, pela vida que não puderam ter. Ele abraçado a ela abre a porta diante de dezenas de policiais armados.

. Sente remorso, perda, fracasso, ela chora e ele com os lábios colados em seu ouvido pede: -Por favor, não chore, eles só querem a mim. Igor não compreendia os motivos reais de suas lágrimas - Não vão lhe fazer mal, eu prometo. Enquanto falava, ele tentava de todas as maneiras consolá-la. A mão com que prendia o corpo dela junto ao seu roçava-lhe a pele sob o tecido fino de sua blusa, tocando-lhe os mamilos o que lhe causava uma onda de prazer totalmente inconsciente e incoerente ao momento em que viviam. Seus seios arfavam na proporção que as palavras dele iam invadindo seus tímpanos. Seu corpo entendia ser aquele o único momento possível para o amor acontecer. Igor percebe a volúpia de seu corpo, a voz rouca sussurrando seu nome. Estaria louco ou ela o queria tanto quanto ele naquele exato momento e lugar? Igor sentia o cheiro da fêmea induzindo, seduzindo... Ele percorre a língua quente por sua nuca a fazendo arquear. De repente tudo cessa a sua volta, o tempo pára.

As vozes dos policiais com os seus megafones parecem muito distantes.

A influência, a importância do mundo externo, não existe mais. Ela estica todo o corpo a fim de sentir o dele contra o seu. Ele mergulha o rosto em seus cabelos aspirando-lhes o perfume, enquanto sua mão toca numa carícia ousada seus seios enrijecidos pelo desejo. Um toque, uma carícia e nada mais... O suficiente para fazê-la experimentar do êxtase, do clímax que torna sublime cada ser, cada amante, cada mortal. Isadora prova de uma excitação que nunca conhecera nos braços de Afonso e sentia agora o auge mais intenso do prazer a entorpecer-lhe o corpo e conhece em meio a toda aquela adversidade o gosto o gosto do prazer. Extasiada abandona- se sobre o ombro do homem amado, pendendo o pescoço para o lado, suas faces se encontram e seus cabelos fartos ocultam um delicado beijo, quase um roçar de lábios. Era a imagem de uma mulher completamente realizada, desfalecida, seus braços caídos ao longo do corpo se refazendo do que experimentara..

A inércia de seu corpo exausto após o orgasmo induz os soldados ao erro... - Ele atirou! Ele atirou! Ela está morta! No dia seguinte as manchetes estampam corpos entrelaçados na primeira página. O corpo de Isadora. Sobre o dela o corpo de Igor, seu homem, seu menino, seu amor, seu pecado, seu castigo...

Anna Carvalho Diamante

Felicidades... Liberdade e Sonhos

Felicidades... Liberdade e Sonhos

Castro olha mais uma vez pela janela do seu escritório. Do alto do décimo andar da Avenida Rio Branco àquela hora do dia, as pessoas transitando rápidas pelas calçadas, num zigue- zague frenético, mais pareciam formigas, transportando seus sonhos, seus medos, suas frustrações. Ele sorri melancólico. Como estava reflexivo aquela tarde! Agora posiciona sua câmara fotográfica, na direção de um céu avermelhado de outono que se mostra entre os arranha- céus da cidade maravilhosa. Dá alguns cliques a ermo e suspira entediado. Nos últimos dias ele vinha se sentindo assim, sufocado dentro de si, desconfortável, inconformado, exasperado, em agonia, quase em desespero. Revoltado com sua sorte, com o rumo que tomara a sua vida, decepcionado consigo, com sua própria covardia.Aos 56 anos, ele estava cansado, frustrado. Olhava o caminho percorrido e ao invés de orgulho sentia se vencido, traído, derrotado e o pior:

Reconhecia ser ele mesmo o traidor de seus sonhos, o sabotador de seus ideais. Passou pela vida preocupado em não desapontar seus país, os amigos, e com isso desapontou a si mesmo, jogou fora seus objetivos, abdicou de suas verdades, mas hoje pela manhã havia tomado uma importante decisão, iria vender a Castro Hotéis. _ Enlouqueceu papai? – Perguntou Mauricio aos berros do outro lado da linha ao saber da novidade. _ Você não pode jogar fora anos e anos de trabalho! – Disse Estela sua ex-mulher. - É o patrimônio de nossas filhas! Gritou Leila a esposa atual. Sorrindo triste ele deixa a janela. Castro era um apaixonado pelo mundo da fotografia. Sonhava ser um Sebastião Salgado, um Robert Capa. Gostava de fotografar monumentos históricos, obras de artes. Houve um tempo que desejara a faculdade de fotografia. Hoje? Muito menos. Bastaria apenas viajar sem rumo, registrando o mundo pela a lente mágica de sua câmera

Ah! Isto sim era tudo, tudo que ele entendia, compreendia por felicidade.

Naquela altura de sua vida, dois casamentos, um divórcio e três filhos, Castro se sentia rompendo as cordas, as algemas. Desejava ardentemente voltar pra si, fazer as pazes consigo mesmo. Em meio as suas reflexões o telefone toca tirando-lhe de seus devaneios. Era um grupo interessado na Compra da Castro Hotéis, uma rede de hotelaria que ele construíra, nos últimos 30 anos com filiais dentro e fora do país. Já era o terceiro que ligava desde que colocará o anuncio naquela manhã, e ele encaminhou o interessado para o seu advogado, não queria tratar disso pessoalmente. Chegou a casa e encontrou surpreendentemente a família toda reunida. Castro parecia não acreditar no que seus olhos viam. Estela e Leila sentadas lado a lado dividindo um único sofá. Com um sorriso um tanto irônico, ele brinca com as duas: - É festa ou velório? -Antes que elas pudessem responder, Mauricio surge do nada, visivelmente nervoso , e foi logo dizendo: - Que palhaçada é essa, em pai? O senhor enlouqueceu?

- Melissa e Monique ,filha de Castro com Leila que estavam na sala ao lado, vieram rapidamente pra junto do grupo ao ouvir a voz alterada do meio irmão. Castro olha aquele rapagão autoritário ali parado a sua frente, exigindo explicações e sorri sarcástico. Mauricio aos 28 anos era forte, mais alto que o pai, bonito, bem articulado, nunca soube o que era trabalho e responsabilidades. Passava os dias nas academias e as noites em bares e boates da cidade, e agora se dava o direito de questionar o pai. -Louco está você! Castro tentava conter toda a raiva que sentia entre os dentes. Quem trabalhou duro por 30 anos, foi eu. Quem construiu cada quarto, cada suíte daqueles hotéis, fui eu, portanto seu moleque! Agora a voz de Castro podia ser ouvida por toda a casa. - Eu faço o que eu quiser, o que me der na telha, do meu dinheiro, você entendeu? - Não é bem assim não, pai. Eu também paguei por esse patrimônio. Todos nós aqui contribuímos de alguma forma. Agora ele aponta de forma coletiva para a roda de pessoas que se formou em torno deles.

Ah! Foi? - Então me fala, vai! Me conta desta tua contribuição infeliz, da qual eu não tive nota
.- Você pensa que foi fácil pra mim, pai? Crescer sem a sua presença lá em casa? Sem o seu apoio? Quem não conhecesse Mauricio diria que ele estava a beira das lágrimas:
-Quantas homenagens do Dia dos pais, na escola que você não pode ir ? Em quantas das minhas apresentações minhas de judor pai você não pode estar? Quantas pai? Será que lembra?- Castro não acreditava no que estava ouvindo. - As festas de aniversario pai? E os finais de semanas. Quantos você passou trancado dentro de escritórios, em reuniões intermináveis. Quantas vezes você trocou o lazer com a sua família por viagens de negócios. Nós nunca fomos a sua prioridade pai. Mauricio falava como quem realmente acreditava no que estava dizendo. -Eu paguei sim pai! Todo esse patrimônio é meu também. É o ressarcimento pelas ausências sofridas, pelos constrangimentos causados, pelos traumas, pelos complexos de rejeição que até hoje me afligem. Castro gargalha alto, vermelho de indignação.

–Tu ta de sacanagem com a minha cara, só pode ta de sacanagem com a minha cara! Parecia prestes a ter um colapso nervoso, de tanto o ódio. -Olha aqui seu filho de uma égua ! Agora Castro segurava o filho pelo colarinho com tamanha ira parecendo levantá-lo do chão. - As faculdades que cursou dentro e fora do país não te ressarciram não? As viagens pelo mundo não te recompensaram? Os carros importados, a boa vida que usufrui até hoje, não quita estas tais dividas, não? Ele joga com tanto desprezo o filho sobre o sofá. Não conseguia deixar de sentir-se envergonhado por ter posto aquele ser humano no mundo. E pensar que foi por eles... Castro olha a todos atônitos ao seu redor. Ninguém havia dito uma só palavra, esboçado uma única reação, mas ele sabia que sem exceção todos eram coniventes com Mauricio e concordavam com seus argumentos. - Vocês querem falar de ressarcimento? Querem falar de perdas? De sonhos? Castro agora se dirigia aos outros membros da família.

- Pois bem! Vamos conversar. Querem saber o que fiz com a minha juventude? Usei como adubo, nas plantações dos sonhos de cada um de vocês.. Sabe Estela aquela casa de praia que você quis comprar a uns 10 anos atrás, mais o pequeno sitio para seus pais, custaram uns 10 anos de minha juventude! Também o cruzeiro Leila, que você me exigiu de presente de aniversario? Levaram mais uns 5 anos de minha vida. Os carros das meninas, os diamantes, os colares de esmeraldas, as fazendas, as mansões, levaram as minhas forças, meu viço, meus sonhos. Olhem! Olhem pra mim! Ele gritava e articulava nervosamente, batendo com o próprio punho contra o peito. - vejam o que sobrou. O que restou de mim! Querem mesmo falar das perdas? É verdade Mauricio tem razão! Passei finais de semanas inteiros trancafiado em escritórios, trabalhando ganhando dinheiro, ficando rico e vocês o que faziam nestes mesmos finais de semanas? Jogavam fora o meu trabalho, o meu dinheiro, o meu sacrifício.

- Ele respira apressado. - Me deem um motivo, um só para não vender a Castros Hotéis! Tem alguém aqui, disposto a abdicar a sua juventude pelos próximos 30 anos? Alguém quer continuar de onde parei? Castro só teve o silencio como resposta. Agora ele sorri e diz:
- Foi o que pensei !
Abandonando todos na sala segue para o seu quarto, ainda no corredor o telefone toca. Era Rubens o seu advogado querendo falar sobre uma boa proposta que recebera sobre a venda das empresas e sem pestanejar ele ordena que feche negócio.
.- Se possível ainda hoje eu assino! Ele entra no quarto, abre a janela e respira fundo, o ar fresco da noite o enchia de esperança novamente. Era estranho mas ele se sentia leve, livre. Não estava mais preso a aquelas pessoas, nem aquele lugar. Olhou novamente para o espelho, ele não estava velho! Ele ainda tinha tempo de buscar essa tal felicidade que até agora lhe escapou por entre os dedos. Abriu o armário olhou as roupas, depois as malas e suspirou sorrindo e feliz.-Bobagem, não preciso de nada disso.

Para onde eu vou basta que eu leve meus sonhos e minha máquina fotográfica.
Já no guichê do aeroporto a bela moça sorridente pergunta: _ Qual o seu destino, senhor?- Ele audaciosamente fotografa o sorriso dela e responde: - Rumo à felicidade querida!!! A felicidade...

Anna Carvalho Diamante

O Crescente Fértil

O Crescente Fértil

Sebastião chegou cedo e animado em Floracema. Havia passado uma temporada maravilhosa na França e chegara cheio de idéias a terra natal, uma pequena e bucólica cidade do interior de Goiás. Havia pensado muito e decidido: Iria trazer o neon da cidade Luz para Floracema, um centro de entretenimento que funcionaria vinte quatro horas. Durante o dia! Rodeios! Um estádio grandioso ao nível do Texas nas terras que herdara de seu pai. Já havia entrado em contato com alguns piões de boiadeiro, feito orçamentos e tudo mais. À noite as coisas seriam quentes em Floracema! instalaria um cassino pequeno porém "classudo,"! Ele sorria feliz, quase podia ouvir o som das roletas, as vozes do croupiers, circulando nos salões lindam mulheres, no palco animadas bandas Country e como ponto alto do espetáculo! As belas, maravilhosas e sensuais bailarinas de Can can !
Sebastião pensara em tudo, até mesmo na decoração que deveria lembrar o velho Oeste.

Ele só não contava mesmo, era com a resistência que encontraria pela frente.

Florasema é uma cidade de aproximadamente cinco mil habitantes que vivia da agricultura, ou melhor, da triticultura. Grande parte da economia do município vinha basicamente do cultivo do trigo. Sebastião nasceu e cresceu em Floracema, mas desejou para si, algo maior que semear e colher trigo e foi muito cedo para cidade grande onde virou Doutor. Agora 18 anos se passaram seu Avelino pai de Sebastião e de mais 14 filhos falecera, e ele juntamente com os irmãos, sobrinhos, cunhados herdara uma areia de mil metros quadrados. É claro que tudo era um imenso campo de gramínea, mas quanto a isso um trator resolveria muito rápido. Problema mesmo era demover das cabeças de matutos a idéia de que veio de Deus a ordem de plantar o trigo para colher o pão. O trigo era o que movia a pequena Florasema, lá se exportava farinha e produziam-se massas como: pães, biscoitos, maçarão etc. A cidade possuía apenas um banco, um pequeno hospital e duas escolas e os florasensses passavam muito bem, Obrigado!

Mas nem sempre foi assim, a lenda conta que a muitos e muitos tempo atrás chegara a ainda inabitada Floracema um grupo de lavradores, refugiados da fome, da sede, vindos de lugares distantes, que sofreram com pragas de gafanhotos, secas, invasores que destruíram cidades, devastando plantações e afugentando populações inteiras. Foram tempos difíceis, pois não conheciam a natureza do solo e eram escassos os recursos. As famílias vinham de cidades diferentes, traziam experiências diferentes, sobre o cultivo de diversos produtos e todos tiveram oportunidade de testar seus conhecimentos por anos sem sucesso no solo infértil de Floracema. Até que um dia chegou à cidade um grupo de romeiros conduzidos por um padre que perguntou aos moradores daquele vilarejo se eles permitiam que ele deixasse ali ficada uma cruz de madeira pois seus ombros não suportavam mais carregá-la. Naquela noite chovera copiosamente, mas na manhã seguinte a cruz permanecia de pé. Muitos moradores do vilarejo passaram a rezar aos pés daquela cruz.

Um belo dia um dos fiéis percebeu que bem perto dela brotava uma espécie de folha e todos curiosos começaram acompanhar o crescimento daquela planta desconhecida. Após alcançar pouco mais de um metro do chão pendoou, e do cimo de seu caule uma pequena espiga emergiu. Guardava em si grãos que a partir de então viriam definir o futuro da pequena cidade. Os tais grãos eram pequenos, tinham uma fenda no sentido do comprimento, uma casca dura, com um formato oval. E eles foram semeados pelos lavradores em todo o solo floracense. A tal planta era "o trigo". Hoje no lugar em que floresceu as primeiras gramíneas, existe a igreja de São Isidoro, o protetor dos lavradores. E essa cidade admite quase tudo, menos que faltem com o respeito ao trigo de onde provem o seu sagrado pão de cada dia. Por tudo isso, fica fácil imaginar como a família de Sebastião e toda cidade recebeu a proposta. Uns disseram que era um sacrilégio, uma heresia. Outros que era um abominável crime ambiental.

Havia os que temiam pela moral e os bons costumes e outros que apelavam pela identidade cultural e histórica da cidade.
O reboliço foi total! Havia faixas de protestos por toda parte. A população ocupava a praça batendo em latas e com as mãos. Os mais inflamados montavam vigílias com tochas acesas a beira dos campos de trigo. Sebastião recebeu publicamente o repudio da sua família e da sociedade floracense. Foi considerado uma pessoa não grata na cidade. Mediante tantas confusões, ele resolve procurar o prefeito e pedir que intercedesse por ele, tentando argumentar sobre os benefícios que um grande centro de lazer como aquele, poderia trazer para cidade, dizia que o progresso batia as portas de Floracema. Também que a cidade precisava sair da idade da 'pedra". Depois de meditar por alguns instantes o prefeito da cidade se pronunciou: -Já decidi o que irei fazer! -Disse o sensato prefeito.- O que? Indagou Sebastião ansioso - Reunirei toda a população na praça e pedirei um plebiscito!

-Um plebiscito? Indagou Sebastião revoltado e inconformado com aquela atitude, mas o prefeito não titubeou e fez que sim com a cabeça
.-Mas por que um plebiscito?
- Porque a voz do povo é tão sábia, quanto à voz de Deus!
Depois de ouvir isto Sebastião deixa a cidade sem esperar pelo resultado.
Aquele dia entrou para os anais da historia da pequena Floracema. O povo comemorou a noite inteira, decoraram as ruas, enfeitaram a igreja, de todas as casas vinham bolos, pães e bolachas, que colocados na imensa mesa diante da igreja, aromatizava toda a praça.
O povo cantava, ria e dançava. Agora, todos os anos essa data é comemorada, conhecida e divulgada como o dia da vitoria do " Crescente Fértil Floracense.

Anna Carvalho Diamante

PERDOE-ME PORQUE TE

Perdoe-me Porque te amo

-Não quero saber! Gritou Valquíria batendo a porta do quarto. Ligou o rádio alto e ficou surrando um urso de pelúcia gigante, enquanto andava de um lado para o outro, igual a um animal enjaulado. Valquíria tinha um bom astral, mas nos últimos meses seu humor estava péssimo. Era uma mulher ativa, forte. Aos quarenta e dois anos corria na praia, jogava capoeira e gerenciava uma boutique, em um shopping da cidade. Casada a vinte e um anos, mãe de tres filhos adultos. Bianca, a caçula, cursava o primeiro ano da faculdade de veterinária. Valquíria suspira e depois de dois socos de direita e um pontapé no pobre urso, ela se acalma, abre a janela e tem diante de si, um dos poucos morros arborizados do Rio de Janeiro. Aspira fundo buscando o ar e a paz que faltava no seu interior. Reconhecia que vivia por demais alterada, nervosa, sem saber exatamente o porquê.

Tudo que sabia é que estava muito impaciente, com tudo e com todos, até o trabalho que tanto gostava, o dinamismo, o contato com o público a estava estressando. Em casa não era diferente. A voz do marido a irritava. As reclamações de Vinícius, filho mais velho, a enlouqueciam. As queixas do carente Murilo, filho do meio, este então a tirava do sério. Era com ele que acabara de gritar a minutos atrás. O telefone toca e ela atende com desânimo. Mas logo fica feliz ao reconhecer a voz da amiga, do outro lado da linha. Ah! Como era bom falar com Cristina! As duas amigas conversaram menos que dois minutos ao telefone, tempo suficiente para marcar um encontro, na hora do almoço, em um restaurante da orla. Tinham muito a falar, mas precisava ser pessoalmente. Ilhada dentro do seu apartamento, encurralada pelos seus próprios familiares, Valquíria não via à hora de ouvir uma voz amiga. Ansiosa, consulta o relógio na parede. Tinha uma hora para se aprontar.

Entrou no chuveiro de água gelada às onze horas de uma manhã "dezembrina". Em plena Ipanema, da bela cidade do Rio de Janeiro, o sol estava a pino. Colocou um short jeans, camiseta do Flamengo e saiu sem falar com ninguém. Joel "o marido" limitou-se a levantar os olhos do jornal e a olhar por cima dos óculos, sem nada dizer. Ela até queria que ele perguntasse alguma coisa só para lhe responder: - Não é de sua conta! Valquíria sorri sozinha. Reconhecia que não estava sendo fácil conviver com ela. Nem ela mesma conseguia se compreender. A grande verdade e que se encontrava em crise, num período difícil, entediada, precisando de algo novo, uma emoção forte para viver. Valquíria curte o finalzinho das férias, que foram ótimas, até a segunda semana, mas agora, na reta final já não sabia o que fazer com tantas horas livres. Já havia lido uma biblioteca inteira, dado a volta ao mundo de tanto que correra nas praias. O lado bom é que estava em plena forma física. Valquíria era pequena. Uma bela mulher. Ruiva, cabelos encaracolados, olhos castanhos escuros muito vivos.

Tinha uma sensualidade natural, da mulher que gosta de si, que cuida do corpo, que gosta da vida. Já na portaria do edifício, ela acena para um taxi. A expectativa de encontrar Cristina fazia sentir-se bem melhor. Almoçar com amiga, pôr a conversa em dia, era tudo que precisava naquele momento. O taxi para, um taxista moreno alto a olha como se a despisse com os olhos. Em qualquer outra situação ela ficaria indignada, bateria a porta do taxi e o mandaria cantar a própria genitora, mas inexplicavelmente ela gosta daquele olhar ousado, um tanto cafajeste e por que não dizer "gostoso". Ela entra no taxi, fingindo não ter gostado da atitude do rapaz, o que não o intimida. Ele pergunta com a voz sedutora: - A senhora vai para onde? - Ao Paladar Carioca, por favor? - A madame tem um ótimo gosto! A comida lá é excelente! Valquíria finge contrariedade, vira os olhos em direção a janela, tentando fugir dos dele. Alguns segundos depois, o carro já em movimento, ele continua a despi-la com os olhos através do retrovisor. Aquele olhar insistente começa a incomodá-la, agora de verdade:

- O senhor não deveria prestar mais atenção no trânsito? - Estou tentando madame, mas para isto teria que tirar o retrovisor da minha frente ou...Ele sorriu com o canto dos lábios.- Ou as suas belas pernas da frente do retrovisor. Ambos seria uma lástima. Concluiu. Ela se afasta de seu ângulo de visão lamentando não ter esperado por outro taxi, mas também pensou ela " Ele lhe sorriu de um jeito tão safado... Quem resistiria?" Ele debochado continua a provocá-la: - Desculpe, não queria incomodar. A visão estava maravilhosa, mas era pelo bem de nossas vidas. Ela olha rapidamente para o retrovisor e vê que ele sorri malicioso. Tinha um sorriso bonito, dentes muito claros, rosto comprido, queixo quadrado, barba bem feita, pele tratada. Valquíria se distrai lhe observando e o achando belo. Cinicamente ele a desperta de seu transe lhe perguntando: - Passei na avaliação? Ela se preparava para lhe dar uma resposta" daquelas", quando o celular tocou:

- Oi Cristina, já estou chegando! Os olhares se encontraram no retrovisor. - O trânsito está horrível! E como a minha sorte não anda nada boa, não fui muito feliz na escolha do taxi. Ele riu alto, adorando aquela mulher de pavio curto. Queria provocá-la e ver até aonde tais garras poderiam lhe ferir. - Você está sendo injusta, meu taxi é confortável, limpinho e tem ar condicionado. – É verdade, concordou ela. –Quase perfeito! Melhor se andasse sozinho. Ele riu solto. Era mesmo difícil aquela pequena, mas ele adorava um desafio: - Você está muito nervosa. Se você me deixasse poderia acalmá-la, com uma massagem oriental que conheço. Disse ele manobrando a frente do restaurante. Ignorando a oferta dele, ela pergunta abrindo a "porchete", o único tipo de bolsa que usava: - Quanto é a corrida? -Apenas um sorriso. Ela olha no taxímetro e atira o dinheiro sobre ele e indignada sai batendo a porta furiosa. Passou direto pela amiga sem vê-la. - Hei! Valquíria! Que deu em você amiga? Estou aqui! Gritou Cristina enquanto a "baixinha" passava fervendo por ela.

As duas se abraçaram e foram sentar próximas à janela.
.- Mas me conte amiga, o que foi que aconteceu? Indagou Cristina. - Foi um taxista idiota que cruzou o meu caminho.
- Mas o que o coitado fez?
- Coitado? É porque você não viu a olhada que o safado me deu.
- Que olhada? Aquela do tipo "Ah, se eu te pego de jeito?" Perguntou Cristina com malícia.
-"E Meio" que te despindo, te devorando com os olhos, sabe?
- Nossa! São desses que gosto! E fisicamente é bonitão, tipo galã? - Bonitão?
Um pedaço de moreno destes que você olha, olha e ainda sobra homem para olhar. Valquíria já estava mais descontraída. Excelente psicóloga, Cristina trabalhava a amiga, sem que ela notasse.
- E você não pegou telefone, E-mail, nada?Estou pasma com tanta incompetência! As duas riram juntas.
- Estou brincando Cris, mas não estou nada bem. Choramingou Valquíria. - O que você tem querida?

- Não sei explicar, estou chateada, irritada com o trabalho, com os filhos, com a vida. Estou muito insatisfeita e não consigo sequer saber com o que ao certo.
 - Poxa Val, você está precisando mudar de cenário! - Como assim? Perguntou Valquíria.
 - Ah! não sei, vinte anos e o mesmo trabalho, o mesmo bairro, o mesmo apartamento.
 -O mesmo casamento. Completou Valquíria desanimada
. -Também! Reafirmou Cristina. –Talvez seja disso que esteja precisando.
 -Um casamento novo?! Perguntou incrédula
 -Não necessariamente um casamento novo, mas um casamento renovado. Adicione mais paixão na relação, mais carinho, mais beijo na boca.
 - Beijo na boca Cris? Ela sorriu triste. Faz tempo que Joel e eu não namoramos. Não nos amamos de verdade. Entende?
- Mas porque isso?
 - Por que... Não sei!Trabalho, problemas com as crianças, o dia a dia. Ela suspira.

É a imagem do desânimo em pessoa.
- A verdade é que não existe paixão, emoção," tesão" que sobreviva a vinte e um anos,sem que se faça nada para isso, minha querida! É preciso acender e reacender a chama.
.- Francamente Cristina! Tem horas que a única coisa que tenho desejo acender é uma fogueira, para queimar Joel vivo, feito Joana D`Arc.
- Nossa mulher! Temos que canalizar toda essa energia para algo mais positivo!
- Uma noite de amor, por exemplo? Brincou ela.
- Sim! Tudo indica que é disso que você está precisando!
- Com um "saradão" daquele dali? Disse Valquíria apontando para um segurança de dois metros à porta do estabelecimento.
- Nossa menina! O que tem de pequenina tem de gulosa. Riram novamente.
- Adoro a sua companhia Cristina! Você sempre consegue me fazer rir. Quase esqueço os problemas quando estamos juntas.
- Eu também! Já estava com saudade de nossas conversas...

Cristina deixou Valquíria em frente ao edifício onde mora e se despediram prometendo em breve repetir o programa.

Já no quarto, a procura de algo para ler, Valquíria dá falta de seu celular. Lembrou-se da última vez que havia usado; no táxi falando com Cristina. Ela corre para sala sobressaltada, a procura do telefone residencial e disca freneticamente, os dígitos de seu celular, que nem toca duas vezes, e aquela voz cínica já atende do outro lado. - Oi amor! Demorou a ligar! Ele se diverte. – Já estava ficando cansado de esperar!

- Olhe aqui, eu preciso que você devolva o meu celular! Dando conta que sua situação não era das melhores, resolveu amenizar. – Por favor!

- Claro meu amor! Ele se deliciava. – Ousada você, hein? Já sofri várias investidas, mas essa de deixar o celular foi "nota 10"

.- Presta atenção seu idiota convencido! Eu realmente esqueci o meu celular no seu táxi! Você vai me entregar ou não?

- Só vai depender de você querida! Ele sorri malicioso e continua. – Amanhã às vinte e duas horas "te pego" aonde? - Vinte e duas horas! Não dá para ser mais cedo?
- Ansiosa você, hem! Ele ri. – Mas é a essa hora que eu encerro meu expediente.
-Mas é só para me entregar o celular! Não vai demorar cinco minutos! Suplica.
- Ora! Todo mundo que devolve algo de valor, como estou fazendo, merece uma recompensa! E a minha é um "shopinho" com você. "É pegar ou largar!"
- Eu te odeio! Ela "rosnou" do outro lado da linha.
- Odeia, mas só até eu lhe dar "aquela" massagem que eu lhe prometi! Depois tudo isso passa. Ela bate o telefone "na cara dele" e Dionísio fica às gargalhadas. Pimenta pura aquela mulher. Ele não tinha dúvidas. Ela o queria sim, tanto quanto ele a desejava. Talvez ela não quisesse ou não pudesse admitir, mas era sem dúvidas um vulcão prestes a entrar em erupção. A cada não, que a sua boca dizia, seus olhos gritavam desesperados, "sim", "sim", "sim

Dionísio sorria com os cantos dos lábios. Deslizava as mãos suavemente pelo volante do carro, como se acariciasse as curvas dela. Ele estava decidido. Iria amar aquela mulher. Mas ela não o teria assim "fácil" como estava pensando. Primeiro ela teria que implorar. – Não! Falou ele em voz alta refletindo melhor. - Bastava pedir. Pedindo com carinho já era o suficiente. Depois riu de sua própria arrogância. Dionísio não era um homem mal. Aos trinta e dois anos de idade e algumas estórias de vida estava começando a crescer. Separado, com pensões de duas filhas para pagar, teve que deixar a vida de "marombeiro" de lado, pegou o taxi que herdara do pai e caiu literalmente na pista. Reconhecia que tinha feito muita besteira, mas há alguns anos vinha tentando se consertar, senão por ele, pelas filhas que tanto amava. Letícia de dez anos e Monique de quatorze. Ele olhou a foto das duas no painel. Sempre quisera que elas viessem morar com ele, mas saber que na noite do dia seguinte o apartamento estaria vazio era muito bom.

Ele riu mais uma vez. - Ah, Dionísio! A ruiva tem razão. Você é um cafajeste! Disse ele para si mesmo, enquanto parava o carro para o embarque de um passageiro.
À noite para Valquíria não foi das melhores. Começou no quarto, depois passou para a sala e terminou na sacada assistindo o nascer do sol. Inconscientemente ela se preparava para o que estava por acontecer. Já havia desistido de se convencer que era pelo celular que iria ao tal encontro. Já tinha admitido para si que também o queria. O que estava difícil para ela, era se admitir adúltera. Descer de um pedestal de vinte e um anos de fidelidade para dar vazão a todos os seus anseios, seus instintos lascivos de fêmea, de mulher, que ela julgava mortos, assassinados na velocidade da vida moderna. A carreira, a falta de tempo para se jantar juntos, de ir ao cinema sozinhos, a falta de afeto, de carinho... A muito que não faziam amor, só sexo, quando a necessidade orgânica os obrigava. Tudo isso foi tirando de cena à mulher, feminina, sensual, sedutora, permanecendo só a mãe, dona de casa, a profissional.

Porém, agora a fêmea vê no taxista arrogante o sopro que precisava para voltar a vida e por em cheque todos os seus princípios, seus padrões morais, com os quais vinha honrando seu pai e sua mãe, no decorrer de sua existência sem graça. Talvez fosse melhor voltar para o quarto, deitar ao lado de seu marido, jogar os braços e as pernas sobre ele, pedir um beijo... Ela sorri. E quase certo que ele a beijaria na testa. Ela poderia tentar ser mais ousada, pôr uma camisola, provocá-lo. Mas ele provavelmente diria que já havia amanhecido, melhor que esperassem pela noite. Aproveitaria para perguntar se ela já havia visto os vídeos, que o Murilo andava baixando na Internet e alertá-la que a nova dieta da Bianca iria levá-la a anorexia. Valquíria passa a mão pelos cabelos. Não queria ser injusta com Joel. Sabia que não era só culpa dele. Ela também havia perdido a magia, o caminho. Já não sabia como ser íntima do próprio marido. Como fazer para dizê-lo de seus desejos, de suas fantasias... Como induzi-lo a paixão... Ao carinho?

Neste momento Joel se aproxima ainda sonolento, com a calça do pijama xadrez, camiseta de uma propaganda de cerveja, a barba por fazer e uma toalha jogada ao pescoço. Aos quarenta e cinco anos, parecia infinitamente mais velho, não só pela aparência, bem como pelos hábitos e atitudes. Retrógrado, ele parecia alheio a vida. Ele a olha com "aquela cara de todos os dias" e pergunta: - O porteiro já trouxe o jornal? Ela o olha procurando, buscando o homem com o qual se casou. Não era aquele ali parado a sua frente. O que estava ali era só uma foto desfocada, um tosco registro do que ele fora um dia. Valquíria responde o marido, com outra pergunta: -Joel, você me acha gostosa? -O quê? Ele estava estupefato. - Estou lhe perguntando se você me acha gostosa, se tem tesão em mim? Perguntou ela alisando provocante o próprio corpo. - Que isso Val! Está louca? É claro que eu te amo! - Não estou te perguntando isso! Eu também amo minha mãe!

O que eu quero saber Joel é se existe uma chance, qualquer uma de você me ver como me via há vinte anos atrás e desejar-me com a mesma paixão, com a mesma loucura?
- Valquíria, você não está bem querida! Você precisa de um médico, de um psicólogo! Ela ri debochada.
- Vou te dizer do que preciso Joel. Eu preciso de um homem! Ouviu bem? De um Homemmm! Gritou ela assustando Vinícius que veio correndo de seu quarto.- O que é isto? O que está acontecendo aqui? Valquíria vermelha, descontrolada diz ao marido: - Fala para ele Joel! Explica para teu filho. Seja homem ao menos para isso! Ela deixa pai e filho atônicos na sala, se tranca no quarto, onde começa a surrar violentamente o urso de pelúcia, até cair em prantos compulsivos por ela, pelo marido, pela própria vida...
Às dez horas, Dionísio encosta no estacionamento do restaurante Paladar Carioca aonde havia marcado com a ruiva. Ele estava inquieto, trabalhara o dia inteiro ansioso só pensando naquela mulher, naquela noite. Nada poderia sair errado. Nada!

À porta do restaurante, seus olhares se cruzam. Ela está linda! A cabeleira solta sobre os ombros, os olhos vivos, muito vivos, parecem desejar o mesmo que ele. Dionísio acena para o vendedor de rosas que passa. Escolhe a mais vermelha das rosas. Dentro de si Valquíria sentia um fogo aquecendo, uma emoção indescritível. Todo seu ser parecia querer esquecer quem era aquele homem e os motivos que a levava até ele. Queria fazer de conta, ainda que por uma noite, que ele seria seu príncipe encantado, o homem que a faria feliz. Ele se aproxima com um sorriso de "boa noite", beija-lhe a mão, pede licença e coloca graciosamente a rosa em seus cabelos. Não lembrava nem de longe o cafajeste do taxi. Parecia existir um acordo não verbal entre eles. Aquela noite era desejo comum, que fosse especial para ambos. Ela ainda pensa em resistir à magia. Tenta quebrar o encanto e pergunta com voz fraca. -O meu celular? Ele deposita o dedo sobre os lábios dela num pedido de silêncio e sussurra em seus ouvidos, segundos antes de beijar-lhe a boca.

- Amanhã pela manhã! Ela recebe o beijo, revive o prazer de ser desejada, de desejar, de ter e de se deixar pertencer. Dionísio adentra com ela no colo em seu quarto, como desejara desde o início daquela noite quando seus olhos se tocaram num convite,numa promessa, numa premissa. Ela ali, linda em seu leito, sem reserva, sem receios. Parecia que sempre foram assim. Como se o fator tempo nunca existira. Nem futuro, nem passado, nem certo e nem errado. Só a vontade de percorrer cada milímetro da pele nua. De sorver os beijos provando da boca, sentindo a textura da pele, dos pelos, da carne. Desbravando a intimidade de seu corpo, do seu ser. E a noite se fez assim. Cumpriu cada promessa. Cada desejo. Dissipou as incertezas, os medos, as inibições, misturando tudo, fundindo o permitido e o proibido, o sagrado e o profano. Momentos em que o céu e o chão se uniram com um impacto, uma explosão, pela magnitude de algo tão sublime, que seria injusto descrever como um simples instinto, um simples orgasmo, um clímax, um êxtase...

Os primeiros raios de sol tocaram-lhe o rosto. Valquíria aos poucos se dá conta do cenário aonde se encontrava. Olha aquele homem desnudo, adormecido ao seu lado, quase um estranho. De repente um sentimento desconhecido toma conta dela. Não era remorso. Ela não estava arrependida. Mas sentia uma necessidade imensa de voltar para casa, de beijar seus filhos, de beijar Joel, seu marido, seu amado...

Valquíria abre a porta e encontra Joel de pé no centro da sala. Ele a olha aflito. Depois uma mistura de alivio e cansaço estampado em seu rosto. Ela corre para ele que a recebe em seus braços.

- Por Deus, querida!Onde você estava mulher? Pergunta ele lhe apertando com força contra o peito. Ela suspira ansiosa e lhe pede:

-Joel! Perdoe-me?

-Por quê? Perguntou sem querer saber a resposta.

-Porque eu te amo! Ele a estreitou ainda mais contra o peito e a beijou ardentemente. Como a vinte anos passados... Como a muito não fazia...

Anna Carvalho Diamante

O negro e a abolição..

O negro e a abolição..

O negro velho Tião, provavelmente Sebastião de alguma coisa, nome com o qual foi' batizado' pelos autores de seu infortúnio e desgraça, chegara da África ainda jovem, forte, robusto a mais ou menos a uns cinqüenta anos atrás. Hoje (1888) já passa dos setenta e seis anos de idade e a sua sina, relatadas em minúcias são as marcas do corte em sua carne, que se fazem verdades através de suas profundas cicatrizes, da tristeza oculta em seus olhos, na dor que dilacera seu peito e a sua alma, Tião sofreu muito com a escravidão, com os engôdos e imperfeições de cada lei criada a título de beneficiar seu povo. Essa, a lei do sexagenário que trocara a chibata pela fome e o relento fora a que mais aumentara o seu martírio, tirara a sua dignidade, desvalorizaram a sua força de trabalho. Agora seu corpo, sua mão de obra, a sua dor, o seu sangue; não pagava mais seu pedaço de pão, seu punhado de farinha.

Mas Tião tinha sorte! Seu Senhor "O Barão" generoso, o permitiu apesar da lei continua cativo, escravo... Agora após a cada chibatada não se ouvia mais dos lábios de Tião um lamento e sim um muito obrigado... Muito obrigado pela misericórdia... Negro Tião: - Ai! Tô cansado de tudo. Tô com sardade de casa. Queria vorta a nado pro seio da terra amada. Mas nadá num guenta mais meus braço. Vim sentá um pouco, de modo descansar o peso du passo, mas só um pouco, causa de que sinhozinho me qué de vorta ao pasto, e dispois ará o otro pedaço de terra e alimentá o gado. De manhãzinha, Lurdinha veio me dizê, que minha fia que trabaia na cuzinha, pariu um menino, logo cedo. Oxalá, quem diria ! Otro di eu veio nascê, prá continuá arando a terra dos branco, regando as semente com o suó da gente. Adubando com sangue de nêgo o futuro dos otro sinhozinho, que como esse retalha nossos couro, dando o tronco como consolo

Chega o capataz: - Nêgo Tião! Deixe de corpo molhe velho! Vá separar um boi prá corte! O filho do Barão nasceu e o patrão vai comemorar o novo sinhozinho que acaba de chegar!
Tião: - Sim senhô! Vô prepara o gado prô senhô do meu neto que acaba de nascê...

Enquanto isso o arauto do reino:
- Hoje, treze de maio de 1888! Vossa Alteza a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea ! Está extinta a escravidão no Brasil
O capataz - Velho! Pega seus filhos, seus trapos, seus rastros e dê o fora daqui!
Tião: - Mas prá donde? Não tenho casa, não tenho nada, nem um pedaço de chão...
Capataz: - Não me interessa nêgo! Você não escutou? Acabou! Acabou a escravidão! .
Tião: - Dê pelo menos um punhado de farinha, um pedaço de pão.
Capataz: Não escultou nêgo? Vá! Leve para longe a sua servidão

Triângulo de Ilusões

Triangulo de Ilusões

Alice prendeu os cabelos, o mesmo rabo de cavalo de todos os dias, olha desanimada para a maçã que a mãe deixara sobre a mesa e sai cabisbaixa para a escola, acabara de completar treze anos de idade e tentava administrar sozinha, os problemas da puberdade. Seu maior conflito era com o próprio corpo. Alice não compreendia por que quase todas as meninas de sua escola, até mesmo as mais novas, já tinham seios, formas e ela não, tudo o que queria era crescer. Tornar-se mulher, linda, alta, inteligente. Igual as modelos de capas de revistas, das passarelas da moda, mas não conseguia visualizar isso à frente do espelho. Sabia que não era feia: loirinha, sardentinha, lindos olhos azuis, porém de short, parecia um moleque de dez anos. Sozinha em casa passava horas à frente do espelho experimentando as roupas da mãe, desfilando para as bonecas e mobília do quarto. À noite sonhava ora dormindo, ora acordada que era top model, atriz famosa.

Nestes sonhos ela sempre se casava com homens lindos, maravilhosos, que povoavam seu mundo fantasioso e imaginário. Neste seu pequeno mundo de faz de conta, Alice protegia-se da realidade, afastava-se do convívio das pessoas, não fazia amigos, não saía não se interessava por garotos de sua idade. Sua única amiga era a sua vizinha Natália, colega de classe, um ano mais nova que Alice. Muito comunicativa, espontânea e de uma "morenice" que lembrava Iracema, de José de Alencar. E foi ela, a" indiozinha," quem correu ansiosa por contar a novidade:

– Você não sabe o que está acontecendo lá em casa! A menina gritava diante da outra de tanta hesitação.

- O quê?!

- Meu tio está vindo morar conosco. Lá em casa!

- Mas, por quê?

- Meu tio Mário ficou viúvo e precisa de alguém que ajude a criar Cecília, minha prima. Alice lembrava vagamente da Cecília, mas não do pai.

- Mamãe se ofereceu para ajudá-lo. Eles chegam essa semana! Continuava Natália eufórica. -Provavelmente ela estudará conosco Alice! Será nossa amiga! Você irá gostar dela. Alice gostou da idéia. Não estava tão entusiasmada quanto Natália, mas ficou contente com a possibilidade de mais uma amiga. O contentamento de Natália contagiou as duas famílias. Quando voltava da escola Alice viu sua mãe e dona Laura, mãe de Natália, conversando através da cerca que separava os dois quintais. Ela parecia feliz com o aumento repentino da família.

- Meu irmão é ainda muito moço. Não saberia cuidar sozinho de uma menina de doze anos.

-É. Essas coisas são mais difíceis para os homens. Comentou Isabel, lembrando-se do que ela mesma passou quando ficara viúva, tendo que criar Alice sozinha, sem uma irmã por perto.. Porém, mesmo sem laços consanguíneos, Laura mostrou-se grande amiga quando Isabel mais precisou. Viúva aos vinte sete anos, com uma filha de dois anos nos braços, longe de parentes, de familiares, Isabel e a pequena Alice só puderam contar com o carinho e a generosidade da vizinha mais próxima,

que cuidava de Alice e Natália como irmãs, enquanto Isabel lecionava em horário integral em uma escola municipal na cidade vizinha para manter sua filha.
O pai de Alice era taxista e morreu em um acidente de trabalho ainda bem jovem. Viúva, com uma filha para criar, até hoje Isabel parecia não acreditar que a vida havia lhe pregado essa falseta. Onze anos haviam se passado, alguns pretendentes haviam surgido ao longo do tempo, mas ela nunca quis ninguém de verdade. Miguel ainda era o amor da sua vida. Viajaram quilômetros, romperam com suas famílias, mudaram de estado, apostaram no desconhecido apenas para terem o direito de estar juntos. No entanto, quanto à morte não há defesa. Para ela, morrer também seria fácil, se não houvesse a pequena Alice, o xodó da vida dele. Miguel amava a filha mais do que tudo, até mais do que a ela, lembra Isabel sem rancor, entretanto tudo que ainda podia fazer ,era cuidar da filha dele da melhor forma possível e era para Alice que vinha vivendo desde aquela noite fatídica que ceifou o seu amor. Seu coração havia sido sepultado junto com Miguel, seu amor, seu homem, o pai da sua filha.

Laura nunca desistiu de tentar casá-la. Não entendia por que uma mulher ainda tão jovem, tão bonita, podia se privar assim do amor. E essa chegada bem oportuna do Mário, seu irmão, fazia seus olhos brilharem de excitação. "Quem sabe?" Os dois com histórias de vida tão parecidas.

Mário tinha quarenta e dois anos, moreno, alto, de físico bem definido, de olhos azuis grandes e profundos, culto e inteligente, médico na área de pediatria, tinha tudo a ver com ela. Um poderia completar o outro e Laura não mediria esforços para uni-los. As duas famílias juntaram-se nos preparativos de boas vindas para receber pai e filha. A decoração do quarto de Natália fora modificada, abrindo espaço para mais uma cama de solteiro. Isabel bordou o nome de Cecília nas fronhas e nas toalhas, como havia feito com as de Natália e as de Alice. Tudo para que a menina se sentisse em família. Laura fez um bolo de chocolate. Isabel comprou sorvete e as meninas colocaram seus melhores vestidos para receber Cecília. Não demorou muito e eles chegaram.

Mário estava muito cansado. Havia dirigido por mais de cinco horas e Cecília entediada com a viagem. As meninas ficaram olhando de longe, um pouco decepcionadas. Cecília era bem diferente do que elas imaginaram. Embora ambas tivessem a mesma idade, Cecília parecia bem mais velha. Era alta, já tinha corpo de mocinha, não parecia uma menininha como Natália e Alice. Cecília tinha curvas, seios, jeito e modos de mulher. As duas famílias jantaram unidas. Mário era falante, elegante, demonstrava todo o carinho e gratidão pela irmã. De vez em quando olhava para Isabel furtivamente, o que deixava Laura radiante. Isabel fingia não notar o interesse, não queria alimentar esperanças, principalmente as de Laura. Cecília não abriu a boca. As outras duas também não. Natália por que não tinha se refeito do choque de ter conhecido uma prima tão crescida e Alice simplesmente por que estava embasbacada com aquele homem tão maravilhoso, tão lindo como nos seus sonhos de menina. Nem em capas de revistas tinha visto igual.

Ele falava, gesticulava, porém nem por um segundo olhava em sua direção. Alice não se importava. Na verdade não se incomodava com nada, ela só queria e muito olhar para aquele homem sem ser notada ou incomodada. Aquela noite ele foi o príncipe de seus sonhos. Só ele povoou o seu mundo imaginário onde ela era adulta , ele se declarava apaixonado e eram felizes para sempre. Esse roteiro se repetiu noite a fio. No outro dia, ela acordou muito cedo, os primeiros raios de sol refletiam nas vidraças do seu quarto, escorregou da cama e caminhou com seus pezinhos miúdos, descalços até o quintal e viu o objeto de seus sonhos ainda mais lindo do que conseguia lembrar: de short, camiseta surrada, cabelo em desalinho, barba por fazer. Assoviava distraído enquanto lavava o carro esporte que o trouxera de Minas noite passada. Ela se perdia olhando as pernas dele, grossas, peludas e bem torneadas. Seus músculos de tão fortes, definidos, pareciam querer saltar-lhe a pele. Peito bronzeado de sol. Um deus.

Ela o definiria assim se soubesse usar as palavras com a malícia de uma mulher, mas era só uma menina, descobrindo o amor, da forma mais difícil. De repente, ele vira em sua direção e lhe fala com a mesma doçura que costuma falar com sua filha:
-Oh! Minha princesa, o que faz tão cedo fora da cama? Ela não responde embebida naquele olhar, mas ele insiste: -E a mamãe? Também já acordou? Ela fez que não, balançando a cabeça, e ele continuou: -Então vá pra dentro, não fique aí fora sozinha. Ela o obedece; ele volta a lavar o carro absorvido em seus pensamentos. Alice sobe as escadas que dá acesso ao quarto de sua mãe, de onde se vê o quintal vizinho e de lá fica a admirá-lo.Em um dado momento, ele tira a camisa e lança o jato d'água sobre a cabeça e desliza a mão sobre o dorso molhado e sacode a farta cabeleira espalhando água em todas as direções. Alice com as palmas das mãos grudadas no vidro parecia querer saltar pela janela quando ouviu a voz sonolenta da mãe lhe perguntando: -Ei menina! O que esta fazendo nessa janela!

Ela vira num salto com o coraçãozinho na boca e fica assim paralisada, com as pupilas a saltar dos olhos, como se estivesse prestes a ser descoberta num crime.Mas a mãe, muito carinhosa diz:

-Já sei! Voltou a ter medo de dormir sozinha! Venha deitar aqui comigo! Alice atende e volta a dormir, agora um sono mais tranqüilo do que o da noite passada. Os dias seguem sem grandes alterações. Mário clinicava no centro do Rio três dias na semana. Vez por outra, viajava para plantões em Minas Gerais, o que causava grande tristeza em Alice que crescia amando aquele homem. O interesse pelos meninos de sua idade, que não era muito, acabara de vez. Ela se fechava ainda mais. Não podia dividir com ninguém os segredos de seu coração. Aos poucos foi se afastando até mesmo de Natália que por conseqüência aproximou-se mais de Cecília. Esta por sua vez trazia novos assuntos à pequena Natália, que passou a se interessar por vestidos, maquiagem e garotos.

No seu aniversário de 14 anos Alice não quis mais o tradicional bolo, balões coloridos e aquelas crianças insuportáveis da vizinhança que passava o ano inteiro sem falar com ela, mas que apareciam em sua festa para comer bolo. Ao invés de tudo isso, decidiu por fazer um pedido diferente, pediu a sua mãe que a deixasse usar um de seus vestidos e de seus saltos e que fizesse um jantar para as duas famílias. A principio Isabel achou estranho, mas depois constatou que a sua filha estava crescendo, se tornando mulher e por isso o desejo de parecer mais adulta. Resolveu atender ao pedido de Alice. No dia de seu aniversário, Alice arrumou-se no quarto da mãe. Isabel havia apertado um de seus vestidos para que lhe ficasse razoável. A menina estava lá, admirando-se no espelho, quando ouviu a voz dele em sua sala, seu pequeno coração disparou. Ela se olha mais uma vez no espelho achando-se linda e resolve descer. Tinha certeza, em sua ingenuidade de adolescente que, ao vê-la, ele iria perceber que não era mais uma menina e sim uma mulher. Nervosa e ansiosa ela foi descendo degrau por degrau.

Já no penúltimo pôde vislumbrar aquele homem enorme fazendo a sala diminuir de metragem a cada movimento que fazia. Ele abriu os braços em sua direção, cena com a qual sonhara todas as noites. Alice dá um passo de encontro a aqueles braços, no entanto, o salto lhe trai, a falta de hábito a desequilibra e a joga no chão; ela cobre o rosto e as lágrimas com as mãos, nunca sentiu tamanha vergonha. Ele a pega no colo e fica massageando seu tornozelo enquanto ela chora copiosamente com o rosto enterrado naquele peito másculo, cheirando a lavanda pós-barba. A noite termina. Ele a leva até o quarto, coloca-a na cama com o urso que lhe comprara como presente, a cobre e beija-lhe a testa, assim como um pai cuidadoso. Isabel ao espiar sorrateiramente da porta, fica comovida com o gesto dele e seu coração dá uma balançada. Naquela noite Mário ajudou Isabel a lavar a louça do jantar e se despediu dela com um beijo no rosto. No outro dia, Alice acordou animada e alegre, colocou a mesa do café antes da mãe acordar, as duas estavam estranhamente felizes.Alice ousou comentar:

-Mãe esse foi o meu melhor aniversário! -
- Foi? E por quê? Indagou Isabel. -Não sei explicar mãe. Mentiu a menina.Mário, pensou Isabel. Talvez sua filha sempre sentiu a falta de um pai, ela é que não notara.

Dias, meses se seguiram. Alice agora já com quase 15 anos finalmente foi tomando forma de mulher, uma bela mulher, diga-se de passagem, todavia Mário continuava a vê-la como uma menina.

Na verdade, o grande anseio dele era ouvi-la um dia chamá-lo de pai. O interesse dele crescia por sua mãe, incentivado por Laura e pelas próprias reações de Isabel, que mudaram muito depois daquele jantar de aniversário. Logo chegara o décimo quinto aniversário de Alice e todos saíram para jantar em uma churrascaria. Mário não saiu nem por um minuto do lado de Isabel. Era visível que eles estavam juntos menos para Alice, que não queria enxergar o óbvio.

Porém, já no final da noite, Mário tirou Isabel para dançar. Alice tinha esperança que ele fizesse o mesmo com ela, afinal era ela a aniversariante, mas antes da música terminar, Mário tomou Isabel num beijo longo e cinematográfico, que fez sangrar seu pobre coração apaixonado , que foi minando milímetro a milímetro,levando-lhe um gosto amargo à boca. Lágrimas banharam seu rosto por inteiro, todos à mesa aplaudiram exultantes ao verem o beijo, como se esperassem por esse desfecho há muito tempo. Aproveitando a distração geral, Alice foge para o banheiro e amparando-se na porta foi escorregando devagarzinho até o chão, onde ficou assim agachada com o rosto entre as pernas chorando toda a amargura que o amor podia causar. Alice sai do banheiro direto para o carro, liga pra mãe e avisa que esperaria pelos outros lá, pois estava com sono e dor de cabeça. Quando todos retornaram ao carro, Alice fingia dormir no banco de trás. Cuidadosos tentam não despertá-la, mas a alegria de todos era visível. Estavam muito felizes com o que chamavam de aliança familiar.

Do fundo do carro Alice ouvia Cecília dizer que estava muito satisfeita com a futura mamãe que seu pai havia lhe escolhido, e Laura não parava de comemorar a sua conquista..

Alice transformou-se, do dia para a noite, na mais solitária de todas as meninas, não tinha mais nem mesmo os sonhos. Tiraram-lhe até o seu mundo de faz de conta aonde o seu casamento com Mário acontecia todas as noites. Agora em seus sonhos a noiva tinha outro rosto – O de sua mãe. Não podia mais fantasiar que as visitas noturnas a sua casa eram para lhe ver; que o carinho e o cuidado que ele lhe dispensava era paixão mal disfarçada. Puxaram a cortina e a única coisa que restara diante dos seus olhos era a dura realidade. Ela precisava aprender a conviver com isso. O tempo passava arrastadamente. Alice vivia dias e noites trancafiada em seu quarto , para o desespero de sua mãe que não sabia o que fazer, como ajudá-la. Alice evitava as pessoas, respondia monoscelicamente todas as perguntas.

Isabel levou-a a médicos, psicólogos, porém ninguém conseguia compreender a dor de seu coração.
O ano se passara como uma espécie de luto. Alice parecia padecer de um mal desconhecido, estava mais magra, mais pálida, mais triste.Todos em torno dela compadeciam-se. Eram solidários às suas dores.
Próximo ao seu 16° aniversário Isabel tenta reanimá-la:
-Alice, vamos comemorar o seu aniversário com uma bela festa?
-Não mãe, não quero festa, não quero jantar. Por favor, não insista. Isabel olhava para a filha, não sabia mais o que fazer para lhe trazer de volta o gosto pela vida. Estava emagrecendo, definhando, como se tivesse acometida de alguma doença grave Isabel respirou fundo. Sentia-se impotente diante da filha. Havia falhado com ela, havia falhado com Miguel e só queria uma chance, uma oportunidade para corrigir essa falha
.-Filha, de verdade, o que você tem? Fale pra mim, eu sou sua mãe, mais que isso, eu sou sua amiga. Deixa-me por favor ajudá-la Implora-lhe a mãe

. Alice olha através de Isabel, como se não visse ninguém, sabia que ela estava sendo sincera. Sabia que ela queria mais do que tudo ajudá-la, mas como poderia ser sincera também? E dizer: “ mãe estou apaixonada pelo seu namorado “. Alice sorriu infeliz. -Filha, estamos atravessando uma fase da vida na qual temos tudo para estarmos felizes. Argumentava Isabel. -Meu trabalho vai” de vento em popa”. Referia-se ao seu cargo de diretora a qual foi nomeada, e continuou: - Encontrei uma pessoa íntegra que nos ama, cujos planos giram em torno de nós. Estou feliz com o trabalho que tenho, estou feliz com o Mário. A única coisa que me falta é ver você feliz filha! Você gosta do Mário? Não gosta? Ela fez que sim com a cabeça. -Então minha filha! Das pessoas que conheci, ele é o que mais chega perto de ser como um pai para você.Os olhos da menina se turvaram de lágrimas, ela abaixou a cabeça constrangida com seus próprios sentimentos. Isabel estava longe de compreender o que acontecia no íntimo da sua filha e continuava na busca de uma solução:

-Olhe, se você quiser, organizaremos uma festa bem bonita e comemoramos juntos o seu aniversário e o meu noivado com Mário, vai ser lindo, meu amor! Já pensou?

-O que mãe? Agora as lágrimas já corriam sem inibição ou reserva.

-Foi ideia do Mário, filha! No início achei precipitado, mas agora, a ideia parece ser ótima, o que você acha?

-Mãe, por favor! Pelo amor de Deus, não faça isso comigo, mãe! Por tudo que lhe for sagrado. Em nome de tudo que a senhora mais acredita. Eu amo o Mário, mãe! Desde o primeiro dia que o vi, desde o primeiro instante. Olha pra mim! Ela estava desesperada batia com o punho contra o próprio peito: - Olha para mim, mãe! Eu não sei se posso pedir isso. Se tenho esse direito, mas eu o amo! Amo muito, mãe!

Caída aos pés da mãe em prantos, Alice suplicava, Isabel atordoada abaixou-se junto à filha, abraçou-a carinhosamente querendo acalmá-la, protegê-la como fazia quando ainda era só uma menina,

todavia, agora, ela tinha atitudes e problemas de mulher.
-Eu o amo, mãe! Ela sussurrava entre um soluço e outro. -Eu o amo mamãe!
O dia finalmente amanheceu. Malas de mãe e filha aguardavam arrumadas no chão da sala. Alice chamava um táxi enquanto a mãe se despedia dos amigos, quase família. -Não compreendi nada Isabel! Como viajar assim de repente? Mário só volta de Minas amanhã. - Não tem nada para compreender Laura! Recebi um telegrama de Santa Catarina, minha família esta precisando de mim, retrucou Laura: - Que família Isabel? Você atravessou anos e anos com Alice pequena, eu nunca vi família alguma sua aparecer por aqui. Laura estava indignada. - Eu sei, você está certa, mas olha, vai ser bom para Alice mudar de área, ela não anda bem e depois é só por algum tempo, e logo a gente volta.
No outro dia mãe e filha desembarcaram numa cinzenta Florianópolis. Isabel tinha família grande, classe média alta, da qual ela se afastou para viver um amor com um humilde taxista, o que fora motivo de recriminação da família inteira.

Porém agora, treze anos se passaram após o falecimento de Miguel, não havia mais motivos para tal distância e a sua filha estava precisando muito de uma família de verdade. Essa era a grande oportunidade! Todos as receberam de braços abertos, Alice descobriu-se em meio a um monte de primos e primas, loirinhos e sardentinhos, como ela. As terapias e análises feitas com um bom psicoterapeuta deram resultado. No final Isabel se convenceu de que todo o ocorrido com a filha foi devido a grande falta que ela sentia de um pai. Projetava nos homens mais velhos toda a carência de afeto paternal que sentira a vida inteira. Alice ouviu o discurso da psicoterapeuta sem abrir a boca, porém, sabia melhor do que ninguém o que acontecia em seu íntimo. Amava Mário como homem e não como pai, porém tinha a esperança que um dia iria esquecê-lo de vez. Mãe e filha evitavam falar de Mário, mas a verdade era que ele estava bem vivo no inconsciente das duas. Isabel resolveu cortar contato com a família de Laura Isso lhe doía muito, mas era pela sua filha... A filha de Miguel, seu amado.

Aos poucos a vida foi voltando ao normal. Alice terminou os estudos, formou-se em arquitetura. Amava viajar. Conhecia boa parte da África, Europa, Ásia e durante as viagens desenvolveu gosto por fotografia, um dom que herdou do pai taxista profissional e fotógrafo nas horas livres. Numas dessas viagens conheceu Felipe, piloto de taxi aéreo, paulistano e amante da fotografia como ela. Os dois se conheceram numa exposição de fotos em Madri. Felipe era alegre, falante, tinha vinte e cinco anos, cinco a mais que ela. Foi amor a primeira vista. Um ano mais tarde, os dois já estavam casados e esperando gêmeos. Isabel não casou, recolheu-se ao seio de sua família para ajudar a cuidar de primos, sobrinhos e agora dos netos de Miguel que estavam prestes a chegar. Alice ficou linda grávida. Uma gravidez sem complicação, que resultou em um parto rápido e bebês maravilhosos: Dois meninos que receberam o nome do pai e do avô. Felipe Júnior tinha olhos castanhos claro. Já Miguel tinha os olhos negros, muito negros, iguais aos do avô.

-Mãe a senhora bem sabe da minha vida, estou casada a quase vinte anos, e estou muito feliz!

-Precisa provar se tudo isso é real para você mesma! Vá ao Rio de Janeiro. Olhe de perto o cenário, reveja os personagens, exorcize os fantasmas e volte finalmente certa de que é só passado. Aconselhou Isabel. Alice sabia que devia isso a sua mãe. A maneira como abdicara de tudo a favor dela a deixara em débito. Tinha que voltar, mesmo que fosse só para apagar a luz ou jogar a última pá de cal.

Alice já estava no Rio há dois dias e ainda não tinha posto o pé na Tijuca, zona norte da cidade. As praias da zona sul absorveram os meninos de tal jeito que por quarenta e oito horas eles esqueceram a tal casa de onde sua mãe nascera. Todavia voltaram a falar nisso na hora do almoço e ainda havia a foto de seu pai que a sua mãe a fez jurar que acharia. Vencida, sem opção, acenou para o táxi à porta do restaurante. Miguel sentou-se a frente, ao lado do taxista e Felipe fez companhia à Alice no banco de trás.

-Para onde? Perguntou o taxista.

-É usina, não é mamãe? Indagou Miguel.

-Sim! Respondeu ela já com a voz em bargada pela emoção. Sentia-se como se fosse parte da cena de um filme. Só faltava uma trilha sonora bem triste para compor o quadro. O carro finalmente parou diante da casa em que Alice nascera. Ela salta meio atordoada, os meninos dispensam o táxi e ficam ali, os três parados em transe. Duas jovens senhoras se aproximam e perguntam.

-Desculpe, mas você é Alice? Ela olha para os belos rostos de Natália e Cecília. Estavam lindas! Como ainda lembrava-se delas! E fez que sim com a cabeça, a voz se negava a sair. Miguel o mais falante foi logo dizendo:

-Vocês devem ser as vizinhas das quais minha avó tanto fala.

-Sua avó? Tia Isabel provavelmente, como ela está? Perguntou Natália com uma saudade profunda.

-Minha mãe está bem! E a sua? Como está tia Laura? Conseguiu murmurar Alice.

-Mamãe faleceu há dois anos.

- Nossa, é uma pena!Alice lamentou sinceramente.

E seu pai? Perguntou Alice à Cecília temerosa e suspirou aliviada quando ela disse: -Papai está bem, foi fazer a caminhada dele.
De repente, um grupo de jovens bonitos e barulhentos os rodeou, ali tinha filhos e filhas de Natália e Cecília, que logo se enturmaram com Felipe e Miguel e foram para pracinha local
.-Vamos entrar Alice? Natália convidou a velha amiga de infância.
-Depois, queria primeiro entrar em minha casa, rever o meu passado. Quem mora lá? Perguntou Alice percebendo pelas cortinas, que a casa estava habitada.
-Quando você e sua mãe foram embora, papai passou a morar lá, no início, para tomar conta até vocês voltarem. Vocês não voltaram e ele foi ficando, ficando... Explicou Cecília vagamente.-Mas pode entrar, ele não está e a casa continua sendo sua! Alice sorriu palidamente e entrou.

Estava tudo tão igual, parecia que o tempo havia parado ou então retrocedido até aquela quinta-feira chuvosa do dia dezessete do mês de novembro ano de mil novecentos e oitenta e quatro, há exatamente vinte e três anos atrás.No centro da sala o mesmo tapete redondo já gasto pelo tempo; a mesa rústica e pesada de madeira, única mobília da sala inteira. Um lustre de quatro lâmpadas, uma jarra de cantoneira. A foto de sua mãe ainda menina, continuava na parede, em frente à porta principal. Isto a fez lembrar da encomenda que sua mãe lhe fez: a foto de seu pai. Subiu a escada que levava ao quarto de sua mãe. Um pouco receosa, ela empurra a porta. Não era mais o quarto de sua mãe, mas tudo continuava como se ainda fosse. Ela olha a enorme janela, de onde suspirava e admirava, o seu amor de menina. Caminhou ate a velha cômoda e puxou a terceira gaveta, que guardava o tesouro de sua mãe. Enrolado em uma toalha, a foto emoldurada de seu pai. Alice desenrola com cuidado e fica admirando a bela face de um rapaz ,que ela não conheceu, mas sabia ser o seu pai. Reconhecia alguns de seus traços, em si mesma, no Felipe e em Miguel.

Alice refez o embrulho,instintivamente o abraçou contra o peito e desceu a escada devagar. Aquela insistência, em manter tudo tão igual, por tanto tempo a perturbava, parecia um culto ao passado. No entanto, nada mais era igual. Para diante do espelho e contempla a sua imagem adulta, altiva. Lembra da menina, que passava horas e horas ali se olhando, no vestido longo da mãe, sonhando em ser grande. E hoje diante do sonho realizado, em nada se parecia com aquela menina. Era como a estória de uma outra pessoa, lembranças de outra pessoa, não as suas. Já no penúltimo degrau, ela vislumbra aquele homem ainda enorme em sua sala. Ele para e a olha curioso, enquanto ela, o examina dos pés á cabeça. Os cabelos negros, que brilhavam ao sol, agora estavam totalmente grisalhos. O corpo magro, os ombros um pouco arriados com o peso do tempo, mas os olhos ainda eram vivos, pareciam mais novos, que todo o resto do corpo. O rosto fino, a barba por fazer. Repentinamente, sente a falta daquele cheiro de colônia após barba, que seu cérebro já havia associado à imagem dele.

Alice desce o último degrau e para no meio da sala. Mário a olha de cima a baixo, circula em torno dela, como se visse algo raro. Para diz:
-Você é a menina Alice?
-Não. Respondeu ela, com um sorriso amargo. -Sou a mulher Alice, já há muito tempo. Alice suspira e continua. -O amor me roubou a infância, me fez adulta num corpo de criança e mesmo antes de crescer, perto de você nunca fui menina, já era adulta sem perceber.
-Seu rosto parece uma pintura, seus traços são perfeitos. Mário estava maravilhado. -Confesso nunca a imaginei linda, de tal jeito!
-É porque nos seus sonhos de homem feito, no seu mundo de adulto, eu era só a criança, a menina, não tinha formas, jeito, traquejos, gracejos de mulher. Ele a ouvia sem compreendê-la.
-Há uma crítica em tudo isso? Porque me censura? Ele a olhava buscando respostas. -Porque não adivinhei a doçura, a meiguice? A voz estava embargada pela emoção. -Da bela mulher que iria emergir?

Com um gesto vago com as mãos, ele conclui triste. -Melhor assim, feliz para mim,
imagina, apaixonar-me, pelo que tu serias!Fazer o quê? Com tanto amor, enquanto tu eras só uma menina? E depois o que fazer? Quando tu já não fosses mais menina. Ele suspira resignado. -Fosse eu o velho para você?
No íntimo ela o compreendia, mas na verdade não queria aceitar, ela só queria cobrar, o quanto sofreu, o quanto perdeu, o tanto que morreu e ele nem percebeu, nem notara. Ele se aproximara um pouco mais e confessa com a voz trêmula.
-Se a ti consola saber, pagarei em igual moeda, se despertei em ti o primeiro amor da tua vida, tu igual fez, sendo último frescor da minha vida inteira, a paixão derradeira. Com os olhos azuis agora turvos pelas lágrimas, ele continua.-Como num eclipse, passamos um pelo o outro em frações de segundos, tu foste a lua da minha vida, mas leve contigo a certeza de que em mim o ciclo se fechou. As lágrimas banharam o seu rosto: -Juro! Retribuirei para todo o sempre o amor que a mim dedicou.

Alice contempla aqueles belos olhos azuis, ainda tão vivos, tão belos, parecia que o tempo era incapaz de ofuscá-los, era o mesmo que amara e no íntimo receava ainda ser capaz de amar. Deu dois passos em direção a porta, tais sentimentos estavam adormecidos por vinte e três anos e tudo que desejava, era sepultá-lo de vez. Ela acaricia seu passado, sua infância com um olhar, uma despedida silenciosa e triste. Acena para Mário, com um sorriso fraco e se afasta... Não ela não era a lua! Ela sempre foi o sol da vida dele e agora a imagem dela iria aquecê-lo, até o último de seus dias!

Alice chega em casa a meio a uma festa: tios, primos, vizinhos bebem vinho e dançam alegremente, festejando o décimo aniversário de Luma, a prima mais jovem de Alice. Do alto da escada duas brasas afita. Alice sorri, sabe o porquê de tanta ansiedade. É a foto de Miguel, que trás abraçada junto ao peito.

Alice vai cumprimentando, a todos os que cruzam seu caminho, no curto percurso da porta principal, até o topo da escada onde ansiosa Isabel a aguardava. Alice abraça a mãe, admirando-a. Como é possível, amar assim? Beija-lhe à testa e entrega-lhe a moldura, ainda enrolada na antiga toalha que poderia ter sido creme, amarela, ou até mesmo branca, como saber? Isabel sorri, a filha percebe a gratidão que transborda de seus olhos . Isabel toca com carinho o rosto da filha de Miguel e se afasta para o refúgio do seu quarto. Alice ainda aproveita um pouco da festa junto ao marido, depois resolve ir descansar, mas antes, vai pedir a benção da mãe e como de costume, encontrou Isabel deitada com a cabeça apoiada no travesseiro, a foto de Miguel descansava sobre o seu peito.-Mãe! Chama Alice com carinho. Ela parecia dormir. Um semblante leve, uma paz que incomoda Alice.

Ela chega mais perto, pousando sua mão sobre a da mãe, já experimentando uma "dorzinha" fina no peito e chama novamente com uma voz trêmula.

-Mãe! Oh! Mãe! Como se pode amar assim? Ela já não podia mais ouvi-la. Partira ao encontro de Miguel. Agora ajoelhada à beira da cama, Alice deita a cabeça, sobre o peito da mãe e a foto do pai, chorando baixinho sem consolo...